



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17656 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**CURRÍCULO, MATERNIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO ENTRELAÇAMENTOS ENTRE GÊNERO E RAÇA**

Lorraine de Andrade Branco Faria Gonçalves - CAP-UFRJ

**CURRÍCULO, MATERNIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO ENTRELAÇAMENTOS ENTRE GÊNERO E RAÇA**

Quando eu não era mãe, eu ouvia ‘Ah, porque fulana é mãe, entende e tal...’. Como se eu não entendesse porque eu não era mãe. E aí depois que eu virei mãe eu também ouvi várias vezes ‘Ai, porque você é mãe, você entende, né?’. E aí coloca a profissão do pedagogo e do professor muito relacionado ao instinto e não ao estudo, né? Então... ou reduz a experiência, a sua própria experiência, como se o conhecimento desses de educação, da pedagogia pudesse ser reduzido a uma experiência única, né? Então assim... todas as reflexões que eu faço, assim... todas não, mas muitas, é por conta da minha formação, na minha faculdade, todos os cursos que eu fiz, né?... é da minha experiência P-R-O-F-I-S-S-I-O-N-A-L. Lógico que a maternidade ela traz uma outra experiência, enfim, é diferente... e... é... e... assim eu vejo que... é... meu Deus é muita coisa para falar! É complexo, complexo. - Relato de uma professora coletado na pesquisa.

No mês de agosto de 2022, a prefeitura de Barueri, São Paulo, publicou o edital de número 004/2022 para o concurso público com duas vagas para professores de diferentes áreas e segmentos; uma delas era para ‘Professor de Desenvolvimento Infantil’. A vaga foi descrita no edital como ‘vaga feminina’. – Dados do mapeamento feito na pesquisa.

Em uma entrevista concedida à uma rádio local, o prefeito João Rodrigues, da cidade de Chapecó, Santa Catarina, anunciou que faria mudanças no quadro de professoras da cidade, argumentando que é um desperdício que professoras com pós-graduação estejam atuando em turmas da Educação Infantil. [...] O prefeito argumenta que na creche (0 – 3 anos) seriam necessários ‘apenas cuidadores’, pois as famílias de boas condições financeiras não contratam professores para cuidar de seus filhos em casa, elas contratam cuidadores. – Dados do mapeamento feito na pesquisa.

O presente texto é resultado de uma pesquisa de doutorado finalizada que buscou observar, através de diferentes discursos, possíveis maneiras pelas quais as professoras que atuam na Educação Infantil são subjetivadas como mulheres possivelmente mães ou babás, através da composição curricular do segmento. Partindo de um exercício de montagem que rastreou os múltiplos discursos presentes em relatos de situações em que as docentes observavam a relação entre maternidade e sua atuação profissional, entrelaçados ao mapeamento de diferentes documentos legais que regem o trabalho com as infâncias, editais de concursos públicos para contratação de docentes e entrevistas de figuras públicas, a pesquisa observou como tais discursos produzem interpelações que são reiteradas no cotidiano escolar e que pretendem produzir subjetivamente o corpo das professoras da Educação Infantil.

Cuidar das demandas de alimentação, higiene, suporte na inserção social e no desenvolvimento emocional são ações desenvolvidas pelas docentes que atuam com bebês e crianças pequenas, mas também são atividades socialmente atreladas a figura materna, o sujeito que supostamente, por natureza, tem as condições necessárias para cuidar das crianças e também às babás, profissionais da classe trabalhadora composta majoritariamente por mulheres negras e trabalho historicamente realizado por pessoas escravizadas. A mãe é o tipo de sujeito referenciado para a realização do trabalho de cuidado com bebês e crianças pequenas, constituída discursivamente como possuidora da aptidão e dos saberes necessários para realizar as funções de cuidado. Enquanto as mulheres negras trazem em sua carne as marcas do período escravagista que as identificam como realizadoras das ações de cuidado, seja como babá, amas de leite ou empregadas domésticas.

A partir da história da construção da Educação Infantil em nosso país, sabemos que as rodas dos expostos que acolhiam os ingênuos, filhos de mulheres escravizadas nascidos libertos, foram transformadas em centros de Educação Infantil a fim de acolher os filhos das mulheres trabalhadoras. Desde a roda dos expostos as mulheres negras foram responsáveis por cuidar das crianças e isso se perpetuou conforme a institucionalização do segmento se desenvolvia. No decorrer do tempo, além das mulheres negras, mães e mulheres que faziam trabalho voluntário do cuidado foram convocadas a compor a gama de profissionais que atuam neste segmento.

No contexto da sociedade brasileira marcada pela “forma social escravista” (SODRÉ, 2023) a subalternização do trabalho de cuidado está relacionada não só ao fato de que este trabalho é atribuído as mães com uma marcação de gênero, mas, sobretudo, por ser relacionado a uma das ações realizadas pelo corpo da mulher escravizada, marcado pelo gênero e pela raça. Ou seja, de um modo ou de outro o que há de subjetivo no trabalho do cuidado é a subalternidade produzida pelo gênero e pela raça, ambas características são a condição da produção da subjetividade das docentes que atuam no segmento da Educação Infantil. Tal condição se dirige ao próprio território subjetivo e simbólico do cuidado e fica evidente nas falas do corpo social das escolas, nas falas dos agentes públicos como o prefeito de Chapecó, no edital para professores da Educação Infantil, entre outros tantos discursos.

Dialogando com as influências do pensamento foucaultino nas teorizações do campo curricular que nos permitem cogitar a constituição dos sujeitos a partir das relações de saber-poder que integram o currículo, considero que o que está em jogo no currículo são os processos de subjetivação pelos quais os sujeitos vão sendo constituídos dentro ou fora do espaço escolar, implicados em relações de saber-poder. Se o que está em jogo nas problematizações curriculares é a produção de sujeitos, qual é o tipo de sujeito docente que o currículo da Educação Infantil pretende produzir?

Proponho então que tanto a associação entre cuidado e maternidade, quanto a associação entre cuidado e raça produzem efeitos no currículo da Educação Infantil e reverberam nos processos de subjetivação que produzem as docentes. Tais associações geram ecos que ficam evidentes no modo como as ações de cuidado são relacionadas a um trabalho considerado subalterno por sua associação ao gênero e a raça. Ao pensar nestes ecos (maternidade e raça) como atravessamentos do currículo da Educação Infantil, que se demonstram através de múltiplos discursos podemos vislumbrar como a composição curricular deste segmento produz certos tipos de sujeito desejados para a realização do trabalho de cuidado institucionalmente desenvolvido nos espaços dedicados a infância.

Seja de que modo for, a atuação docente neste segmento é interpelada por um currículo em que a maternidade se coloca como algo presumível sobre os corpos das professoras, ou minimamente como algo desejável para elas e os efeitos da subalternização pela raça se materializam através da baixa remuneração das professoras do segmento, da reprodução da ideia de que o trabalho com crianças pequenas prescinde a formação em nível superior, entre outros tantos fatores. Argumento que defendo aqui é que a reiteração dos discursos que associam as ações de cuidado à maternidade e a raça produz ética e esteticamente os corpos das professoras, gerando as figuras da professora-mãe e da professora-babá como sujeitos desejáveis pra a realização da função docente na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo; Educação Infantil; Maternidade; Raça;

**REFERÊNCIAS:**

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.